

The image shows the front cover of a book. The cover is a solid, vibrant red color. In the upper portion, there is a white rectangular area. This white area is framed by a thin black border, which is itself set within a slightly larger white margin. Centered within this innermost white space, the words "livro de poemas" are printed in a clean, black, sans-serif font. The text is arranged in a single line and is the primary focus of the cover design.

livro de poemas

ERA
COLONIAL

QUINHENTISMO

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu
, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.

BARROCO

SONETO VII

Ardor em firme coração nascido! Pranto por belos
olhos derramado! Incêndio em mares de água
disfarçado! Rio de neve em fogo convertido!

Tu, que em um peito abrasas escondido, (*?) Tu, que
em ímpeto abrasas escondido, Tu, que em um rosto
corres desatado, Quando fogo em cristais aprisionado,
Quando cristal em chamas derretido.

Se és fogo como passas brandamente? Se és neve,
como queimas com porfia? Mas ai! Que andou Amor
em ti prudente.

Pois para temperar a tirania, Como quis, que aqui
fosse a neve ardente, Permitiu, parecesse a chama
fria.

Gregorio De Matos

ARCADISMO

Temei, penhas

Destes penhascos fez a natureza O berço em que nasci: oh! quem cuidara Que entre penhas tão duras se criara Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa Tomou logo render-me; ele declara Contra meu coração guerra tão rara Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano A que dava ocasião minha brandura, Nunca pude fugir ao cego engano;

Vós que ostentais a condição mais dura, Temei, penhas, temei: que Amor tirano Onde há mais resistência mais se apura.

Claudio Manuel Da Costa

PERIODO DE TRANSICAO

ERA
NACIONAL

ROMANTISMO

Se Eu Morresse Amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus olhos minha triste irmã, Minha mãe de saudades morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que manhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce n'alva Acorda ti natureza mais louçã! Não me batera tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o dolorido afã... A dor no peito emudecera ao menos Se eu morresse amanhã!

Alvares Azevedo

REALISMO

A ideia

Conquista pois sozinho o teu futuro, Já que os celestes guias te hão deixado, Sobre uma terra ignota abandonado, Homem — proscrito rei — mendigo escuro!

Se não tens que esperar do Ceo (tão puro, Mas tão cruel!) e o coração magoado Sentes já de ilusões desenganado, Das ilusões do antigo amor perjuro;

Ergue-te, então, na majestade estóica D'uma vontade solitária e altiva, N'um esforço supremo de alma heróica!

Faze um templo dos muros da cadeia, Prendendo a imensidade eterna e viva No círculo de luz da tua Ideia!

Antero de Quental

NATURALISMO

Abita um bicho em mim Tenho medo de bicho Bicho é assim, para para pairar

Naturalistas, escritores, cientistas, músicos ricos não pairam, pobres sim...

Bichos não são naturalistas Só homens, mulheres...nem pensar

O tempero da racionalidade É a perda E de não ter, é não ter perda O mercado esta de portas abertas No entanto fechadas Para quem não é naturalista Surfistas moram nas praias Imperialistas dentro do mercado .

PARNASIANISMO

Ao Coração Que Sofre

Ao coração que sofre, separado Do teu, no exílio em
que a chorar me vejo, Não basta o afeto simples e
sagrado Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado, Nem só desejo o
teu amor: desejo Ter nos braços teu corpo delicado,
Ter na boca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem Não me
envergonham: pois maior baixeza Não há que a terra
pelo céu trocar

E mais eleva o coração de um homem Ser de homem
sempre e, na maior pureza, Ficar na terra e
humanamente amar.

Olavo Bilac .

SIMBOLISMO

CORRESPONDÊNCIAS

A natureza é um templo onde vivos pilares Podem
deixar ouvir confusas vozes: e estas Fazem o homem
passar através de florestas De símbolos que o vêem
com olhos familiares

Como os ecos além confundem seus rumores Na
mais profunda e mais tenebrosa unidade, Tão vasta
como a noite e com a claridade, Harmonizam-se os
sons, os perfumes e as cores.

Perfumes frescos como carnes de criança Ou oboés
de doçura ou verdejantes ermos E outros ricos,
triunfais e podres na fragrância

Que possuem a expansão do universo sem termos
Como o sândalo, o almíscar, o benjoim e o incenso Que
cantam dos sentidos o transporte imenso.

CHARLES BAUDELAIRE (FRANÇA, 1857)

PRE-MODERNISMO

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco, Monstro de escuridão e rutilância, Sofro, desde a epigênese da infância, A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco, Este ambiente me causa repugnância... Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas — Que o sangue podre das carnificinas Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los, E há-de deixar-me apenas os cabelos, Na frialdade inorgânica da terra!

Augusto dos Anjos

MODERNISMO

Moça Linda Bem Tratada

Moça linda bem tratada, Três séculos de família,
Burra como uma porta: Um amor.

Grã-fino do despudor, Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta: Um coió.

Mulher gordaça, filó, De ouro por todos os poros
Burra como uma porta: Paciência...

Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.

Mário de Andrade

POS-MODERNISMO

um trecho de “Grande Sertão, Veredas”:

De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro não fantasêia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorsegos, estou de range rede. E me inventei nesse gosto de especular idéia. O diabo existe e não existe. Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...

Guimarães Rosa